

HISTÓRIA, POESIA E FILOSOFIA: A REFLEXÃO SOBRE A VALIA DA HISTÓRIA NO PROÊMIO ÀS GESTA DE LORENZO VALLA

Ana Letícia Adami
Doutora pela Universidade de São Paulo (USP)
analeticia@usp.br

INTRODUÇÃO

De Fernando I de Aragão, Lorenzo Valla narrou ter sido “o primeiro de Castela a obter o reino de Aragão”; e de seu filho, Afonso, o Magnânimo, narrou ter sido “o primeiro de Aragão a obter um reino em Itália, quer dizer, algo relativo à Espanha mesma” – diz o humanista (VALLA, 2002, p. 22). Essas passagens se encontram no fim do proêmio da *Historia dos Feitos do Rei Fernando de Aragão (Gesta Ferdinandí regis Aragonum)*, escrita por Valla depois de ter sido nomeado historiador oficial da corte do rei Afonso, herdeiro do rei Fernando de Antequera, anteriormente mencionado¹. Valla havia se mudado para a corte aragonesa em 1435, justamente no momento em que o rei se ocupava da campanha de conquista de Nápoles, o “reino em Itália” a que o humanista se refere nas passagens acima citadas do proêmio. Em 1442, uma vez vitoriosa a campanha, Valla passa a se dedicar à escrita das *Gesta*, finalizadas em 1445².

Segundo estudiosos do período, as *Gesta Ferdinandí regis* de Valla são consideradas a “primeira aplicação humanista da teórica historiográfica tucidideana” (ALBANESE, 2009, p. 296). Por essa razão, o historiador romano carrega, junto ao nome do mentor grego Tucídides, a fama de “fundador do método de crítica histórica”, como bem nos recorda Francisco Murari Pires, em estudo sobre a transmissão de Tucídides na escrita da história moderna (2007, p. 201). Segundo ainda Gabriela Albanese, professora da cadeira de estudos humanísticos da Universidade de Pisa, é sobretudo a partir da descoberta dos textos de Luciano de Samósata, principal

¹ O tradutor da presente edição da obra de Valla (2002), Santiago López Moreda, seguiu a edição latina de O. Besomi (1973), acrescentando ou excluindo parágrafos resultantes do cotejamento com a edição de Valência (1970), devidamente notificados ao pé de página (cf. MOREDA, in VALLA, 2002, p. 60). Por exemplo, as duas passagens citadas de Valla não se encontram na versão final do texto estabelecido pela edição de Moreda. O tradutor as referencia na “Introdução” à obra de Valla (VALLA, 2002, p. 22).

² Segundo o editor da obra, a datação é extraída a partir de uma correspondência de Valla a Tortelli (cf. MOREDA, in VALLA, 2002, p. 21).

divulgador de Tucídides, que os fundamentos de uma reflexão historiográfica de matriz grega (inclusos também os textos de Heródoto e Xenofonte) se popularizam entre os tratadistas modernos da *ars historica* – entre os quais Valla está na dianteira daqueles do *Cinquecento* (ALBANESE, 2009, p. 283)³.

A estudiosa destaca ainda cinco pontos fundamentais que resumem a acepção clássica-renascentista da obra historiográfica. Em nosso entender, assim os resumimos e enumeramos: 1) “a concepção dos proêmios das obras historiográficas como o local privilegiado para hospedar um discurso metodológico a respeito da *ars historica*”, mais bem visto como “as declarações de intento do historiador”; 2) a concepção acerca da “*parrhesia* e da verdade como requisitos fundamentais do historiador, e assim o direito-dever de falar livremente em testemunho da verdade dos fatos”, em estilo claro e evidente; 3) o tratamento crítico das fontes, em que pese sobretudo a apreciação de Tucídides; 4) a concepção do discurso histórico como “gênero que se vale da arte retórica”, a assim abrigar discursos diretos atribuídos pelo historiador aos personagens históricos; e, 5) por fim, a apreciação sobre a valia e a utilidade da história como perspectiva de “passado-futuro”, pelo qual a narrativa de eventos passados afirma a sua atualidade para “gestão consciente do presente e projeção responsável do futuro” (ALBANESE, 2009, p. 283-284).

Observaremos assim, bem brevemente, como esses cinco elementos se aplicam à reflexão historiográfica de Valla, que ele apresenta no proêmio às suas *Gesta Ferdinandi regis* - o que já, em si, corrobora com o que acabamos de mencionar no primeiro desses tópicos: a eleição do proêmio como local privilegiado para hospedar a reflexão sobre a escrita da obra histórica. O proêmio resguarda as características preparatória e sintética tal qual ocorriam no canto homérico (ROMEIO, 1985, p. 13), a fim de ganhar a “boa disposição do público” e “avivar sua atenção” (preceitos então revelados pelas *Instituições* de Quintiliano, X, I, 48). Através de exposição breve, simplificada na forma de um sumário dos eventos a serem narrados, Valla torna o leitor receptivo à história que pretende narrar. O brevíssimo sumário do autor, reservado

³ Os tratadistas modernos mais alinhados, no rigor do termo, à escrita preceituária “se encontram apenas no século XVI”, como afirma Albanese (2009, p. 283). Entre eles, ela nos recorda, por exemplo, o nome de Patrizi da Cherso e seus *Dialoghi della historia*, em que “reconhecia em toda a tradição ocidental clássica-renascentista que lhe antecederam somente dois tratados de *ars historica*: Luciano entre os gregos e Giovanni Pontano, entre os latinos” (ALBANESE, 2009, p. 283).

apenas às linhas finais do próêmio⁴, é antecedido, diversamente, por uma longa reflexão acerca da valia e utilidade da história.

As linhas que iniciam o próêmio atestam a consciência do autor na função agonística que a composição do mesma herdara da tradição clássica. Assim diz Valla, imitando Salústio: “os historiadores mesmos dão fé em seus próêmios da enorme dificuldade para o escritor e da utilidade para o leitor” (2002, p. 73)⁵. “Dificuldade” e “utilidade” então justapostas anunciam o princípio metodológico e teleológico da escrita de história, assim pensados, respectivamente: a demonstração habilidosa do historiador em superar dificuldades, de um lado; e a aquisição de saber útil por parte do leitor, de outro. Valla passa ao largo os detalhes dessa defesa, supondo-os “velhos conhecidos” desde tradição de origem tucidideana (PIRES, 2006, p. 271; WOODMAN, 1988, p. 16).

Mais adiante, Valla acrescenta: “convém defender com liberdade absoluta a obra que se dispõe a escrever” (2002, p. 74). O humanista reforça, uma vez mais, o papel agonístico que o próêmio adquire para a história que enceta, ao mesmo tempo em que assegura, protegido por modos de decoro e regra de conveniência, a absoluta liberdade argumentativa do autor na defesa da escrita de sua história. Tal arrazoado revela, porém, toda a sua força para a estratégia retórica de Valla na medida em que alicia, por pretexto decoroso, o favor do leitor para a tese polêmica que deseja sustentar: a da supremacia da história sobre a filosofia e a poesia. Uma inversão nada conveniente segundo a tradição clássica de base aristotélica, na qual ele mesmo se apoia. Desse modo, a questão da valia da história fica condicionada à reflexão que justifique tal supremacia, como veremos a seguir.

ARISTÓTELES E A RELAÇÃO ENTRE A FILOSOFIA, A POESIA E A HISTÓRIA

Mas o que dizia essa tradição a respeito da hierarquia das disciplinas, segundo relação entre a História, a Filosofia e a Poesia? Vale ressaltar, antes de tudo, que a

⁴ Segundo nota do editor, essas linhas não constam na versão de Paris e Valência (VALLA, 2002, p. 79, n. 21).

⁵ Todas as traduções aqui citadas de Valla foram produzidas a partir da versão do texto em espanhol de Moreda (2002).

tradição, grega e latina, que serviu de base teórica da historiografia do renascimento é fortemente marcada pelos princípios fixados pela arte retórica: de Aristóteles a Luciano, e de Cícero a Quintiliano⁶ (ALBANESE, 2009, p. 279). Um texto fundamental é a reflexão epistemológica de Aristóteles inscrita na *Poética* (IX, 145b), recordada também por Valla, quando diz: “a tarefa principal é outorgada aos filósofos, em segundo, por importância, aos poetas, e em terceiro e último, aos historiadores” (VALLA, 2002, p. 73). Pesa a essa hierarquia o critério de proximidade em relação ao universal e o particular. Dispara a filosofia à frente, pois que é a única a tratar diretamente dos universais, restando a Aristóteles julgar, conforme mesmo critério, a relação da poesia com a história. Assim o filósofo conclui, conforme a passagem a seguir, tornada célebre:

Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem em verso ou em prosa (pois que bem poderiam ser postos em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa); diferem, sim, em que um diz as coisas que sucederam, o outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere a poesia o universal, e a história o particular. (ARISTÓTELES, *Poética*, IX, 1451b)⁷.

O primeiro a destacarmos aí é a exclusão do aspecto formal como critério distintivo entre os dois gêneros narrativos. Não é a métrica, ou o “com ou sem verso”, o que os diferencia, mas sim o seu *objeto* ou matéria. A poesia, por dizer “das coisas que poderiam suceder”, refere-se ao que é “possível segundo a verossimilhança e a necessidade”, tem algo de maior fundamento teórico e, portanto, de “mais filosófico e mais sério” (ARISTÓTELES, *Poética*, IX, 1451b); está, finalmente, mais próxima daquilo que realmente interessa à ciência, o universal. Trata-se de um saber com menos mediação ao universal do que a história, a qual, por tratar “das coisas que sucederam”, se refere ao particular. “O particular”, define o filósofo, “é o que fez Alcebiades ou o

⁶ Ver, sobretudo, a *De historia conscribenda* de Luciano; o *De Oratore* de Cícero e a *Institutio Oratoria* de Quintiliano. A *Rhetorica* de Aristóteles era conhecida apenas em fragmentos (HANKINS, PALMER, 2008).

⁷ Tomamos a liberdade de fazer algumas modificações à tradução, cotejando com a versão da passagem traduzida pela própria Albanese.

que lhe aconteceu”. O universal, ele continua a explicação, é “atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convém a tal natureza” (ARISTÓTELES, *Poética*, IX).

Ao universal, o filósofo concede uma formulação teórica que reafirma a doutrina filosófica também exposta na *Ética*: a do jogo de determinações dialéticas entre as ações e pensamentos de um sujeito e o seu caráter (PIRES, 2007, p. 185). É curioso dar atenção a esse aproveitamento epistemológico que a teoria da poesia de Aristóteles faz da ética, e por sua vez, que a ética faz da poesia, pois que este será aproveitado por Valla, mais tarde, contra o próprio Aristóteles em defesa da história. Como resultado desse entrelaçamento da ética e da poética, tem-se uma noção de universal que é, mais precisamente, um “universal poético” – o que não é, propriamente, e nisso concordam alguns comentadores o “universal” de que trata a filosofia (PIRES, 2007, p. 186; HALLIWELL, 1987, p. 107).

No que se refere ao particular, objeto da história, a explicação é concisa e só pode, impossibilitada que é de qualquer generalização, como que “ir direto ao ponto”, e por isso fala do que fez ou do que aconteceu a um indivíduo singular, no exemplo, “Alcebíades”.

Ainda que ambas, poesia e história, reconhece o filósofo, lidem com as ações dos homens, a sua *praxis*, a história trata delas como sendo “fatos”, feitos realizados, acabados; ao passo que a poesia, por “apreensões generalizantes de nossa experiência cumulativa e entendimento da vida humana” (PIRES, 2007, p. 186), projeta em modalidade narrativa o que poderia acontecer, para além do tempo presente – daí o *epos* narrar tempos míticos primordiais, um tempo de outrora, ou a fama dos antigos; ao contrário, pois, da história, bem sitiada num espaço-tempo do mundo dos homens, como é a *História da Guerra de Atenienses e Peloponésios* de Tucídides; ou a do *Rei Fernando de Aragão* de Valla.

Assim que, para Aristóteles, o grau de universalidade bem declara o grau hierárquico pelo que cresce uma disciplina em primor epistemológico. Por ter reservado à filosofia o mais elevado grau – recorda Valla, não sem ironia, no seu proêmio – é que “os filósofos (...), inclusive os mais renomados e universais, muitas vezes declaram [a história] a segundo plano, às vezes, ao último” (VALLA, 2002, p. 73).

A RESPOSTA ANTIARISTOTÉLICA DE LORENZO VALLA

Foi Valla quem primeiro se apoiou no texto grego original da *Poética*, até então excluído dos círculos humanistas (ALBANESE, 2006, p. 297; HANKINS, PALMER, 2008, p. 21) para derrubar a supremacia absoluta da filosofia. Valla inverte essa hierarquia dando o primeiro lugar à história e o último à filosofia. Quase todo o proêmio é dedicado a socorrer a lógica dessa inversão: ele começa por comparar “poetas com filósofos, depois com os historiadores, e por último, historiadores com filósofos”, como ele diz (VALLA, 2002, p. 74). Seguiremos aqui, no entanto, uma outra ordem: a ordem dos princípios ou critérios pelos quais Valla opera os sinais de sua distinção.

Conforme os seis princípios constitutivos da narrativa historiográfica, estabelecidos previamente a partir do estudo de Francisco Murari Pires (2006, p. 147-149), distinguimos três que se aplicam ao proêmio valliano que pretendemos discutir. São eles: 1) um princípio etiológico ou de anterioridade; 2) um princípio axiológico, alinhado a um princípio formal de base horaciana, figurado na expressão do “deleitar e ser útil” (*delectare ac docere*) e 3) um princípio de credibilidade ou de compromisso com a verdade dos fatos, de matriz tucidideana, pelo qual o autor-retor encobre artimanha retórica na sua defesa da história sobre a filosofia.

1) HISTÓRIA X POESIA X FILOSOFIA: PRINCÍPIO DE ANTERIORIDADE POR PRINCÍPIO ETIOLÓGICO

Estrategicamente, Valla começa por rejeitar a base que servia de sustentáculo à tese do filósofo adversário: a do critério da universalidade. Ele o substitui por um princípio de anterioridade porque afirma dependência causal que uma modalidade de saber deve sua existência a outra. Ele diz:

(...) os poetas são anteriores aos filósofos, ou antes, aos sábios, do mesmo modo como dizemos que Homero e Hesíodo existiram antes de Pitágoras,

tido como o primeiro filósofo, mas também antes daqueles chamados *Os Sete Sábios*⁸ (VALLA, 2002, p. 74).

E, a fechar o ciclo, os historiadores são anteriores aos poetas, afirma Valla, assim como, “entre os latinos, os escritores de anais foram anteriores aos escritores de verso”, e, “entre os gregos, o frígio Dares e o cretense Dictis”⁹, “se de fato existiram”, adverte, “existiram antes de Homero” (VALLA, 2002, p. 74).

O critério de anterioridade reproduz nada mais do que um princípio etiológico, presente já em Tucídides e Heródoto, que tomava “o início factual de um episódio como origem”, e pois “como causa” de sua existência (PIRES, 2006, p. 148). Assim Valla afirma “não ser possível conceder que poetas construam ficções se não em função da verdade de fatos já ocorridos” (2002, p. 75-76). De modo que, em observância deste princípio etiológico, Valla concede à história, por seu compromisso com a verdade dos fatos, a função matriz de repertório cumulativo da experiência da vida, fonte de inspiração e matéria da composição poética. À história, o humanista concede então, por relação original, lugar superior ao da poesia.

2) POESIA X FILOSOFIA: PRINCÍPIO AXIOLÓGICO POR *DELECTARE AC DOCERE*

E no que diz respeito à codependência da relação entre a poesia e a filosofia, o que diz o autor? Neste ponto Valla silencia, a desviar para uma diferença em que pese antes um princípio axiológico pelo qual poetas se distinguem de filósofos em, nas suas palavras, “autoridade, glória e dignidade” (VALLA, 2002, p. 74). Em apoio a tal distinção, o humanista recorre, ao contrário, a um jogo de semelhanças em que poetas e filósofos se igualam pela universalidade da matéria de que tratam. Diz ele:

⁸ Os sete sábios de Grécia são citados por Platão no *Protágoras*, por Plutarco no *Banquete dos Sete Sábios* e por Ausônio em *O Jogo dos Sete Sábios*.

⁹ Dictis de Creta, companheiro do rei Idomeneu, na epopeia homérica da Guerra de Troia, foi responsável por redigir os anais deste conflito na *Ephemeris belli Troiani*. Dares é o suposto autor, em idioma frígio, do original da tradução latina da *História da Destruição de Troia (De escidio Troiae historia)*, anterior à obra de Homero.

Ora, acaso não tratam poetas e filósofos do mesmo? Acaso Empédocles, Arauto, Lucrecio e Varrão não escreveram acerca das mesmas coisas da natureza e do céu? Acaso Virgílio não escreveu com solenidade de campos, vinhedos, árvores, animais e espíritos, até de mortos, com conhecimentos de física? Não escreveram muitos de medicina? E no tocante à moral, que outra coisa fazem os escritores de sátiras se não nos instruir acerca dos costumes quando disputam e oferecem preceitos? (VALLA, 2002, p. 74).

Assim, ainda que poetas tenham por objeto a mesma matéria que os filósofos em suas doutrinas, aqueles mais eficazmente inspiram à virtude, e certamente, afirma o autor, “poetas começaram primeiro por filosofar, mas é quando se sentem diferentes dos filósofos que melhor filosofam” (VALLA, 2002, p. 75). A afirmação, contudo, ainda que pareça ferir aquele princípio, já visto, do quesito da anterioridade da poesia frente à filosofia, deve o seu sentido, na verdade, como antecipação de tese antagônica, que a pode contestar. De modo que se possa conceber, sem prejuízo à tese que se quer defender no final, de que ambas modalidades de saber podem ter nascido sim juntas, do mesmo ponto de origem. Fica a cargo, portanto, de outro princípio que restabeleça a diferença. Esse princípio é, ademais, um dos pilares de todo o pensamento valliano, a saber: a máxima horaciana do “deleitar e instruir” (*delectare ac docere*), presente na sua *Arte Poética* (v.345). Reproduzo a seguir a passagem em que Valla faz referência à autoridade do nome do poeta Horácio:

Por tudo isso, Horácio, baseando-se mais do que em sua autoridade, falando de Homero, oportunamente não só compara poetas com filósofos quando diz: “como modelo do que pode a virtude e a sabedoria, o poeta nos propôs o exemplo de Ulisses”¹⁰; como também os antepõe [i.e., os poetas aos filósofos] quando diz: “[Homero] nos explica o que é o belo, o que é o mal, o que é o útil, o que é o que não é mais claro e melhor que Crisipo e Crantor”¹¹. (VALLA, 2002, p. 75).

¹⁰ Valla refere-se a Hor., *Epist*, I, 2, 17-18.

¹¹ Valla refere-se a Hor., *Epist*, I, 2, 3-4. Crisipo, filósofo estoico do século III a.C., sucedeu Cleantes no Pórtico. Crantor, discípulo de Xenócrates, foi um dos primeiros filósofos da Academia de Platão, no século IV ac.

Pela figura de Homero, pois, Horácio compara o ofício do poeta ao do filósofo em que pese apelo à virtude e à sabedoria conformadas à clareza de exposição e o prazer da forma poética. “É verdade”, contudo, diz Valla da filosofia, “que escrever em verso sobre dialética, de certo modo, seria pouco adequado; não em vão se trata de uma ciência dura de suportar e pouco agradável (2002, p.74)”. A poesia é, pois, mais agradável que a filosofia e, por conseguinte, na acepção do humanista, mais adequada ao seu projeto didático de ensinar. Por exemplo, ele afirma que quando lemos “o que fizeram e disseram Nestor, Agamenon, Príamo, Heitor e Antenor [personagens da *Ilíada*] nos sentimos muito mais propensos à virtude do que com alguns preceitos de filósofos” (VALLA, 2002, p. 75).

Segundo a proposta pedagógica do humanista, o prazer nos induz ao amor pela virtude. O que gera prazer penetra mais fundo na alma e ali fixa morada. A instrução se faz pelo prazer, não pela dor. “Em suma”, afirma Valla, “abraçamos com certo amor silencioso o mesmo autor [Homero], pois querer dar normas a outros resulta quase odioso, indica orgulho e arrogância (2002, p. 75). A nossa mente”, ele continua, “altaneira e soberba, rejeita os mandatos de alguém que se supõe mais sábio”; e, ao invés, “se mostra condescendente com aquele que ensina de maneira indireta e suave, mediante exemplos, sobretudo quando induz o ânimo com aquela pintura de personagens e estimula a emulação” (2002, p. 75). Em conclusão, para o humanista, o potencial de instrução de uma obra literária aumenta conforme o prazer que ela produz e fornece o parâmetro pelo qual o autor define a sua valia. Daí a superioridade da obra poética sobre a obra filosófica.

Presente nessas palavras, está inserido outro postulado do autor-retor: o da “oratória” como “a mãe da história” (VALLA, 2002, p.73). Nesse sentido, o historiador é tido por um orador que colore as suas personagens e lhes atribui discursos que se adequem à dignidade de seu caráter, tal qual fazia o poeta na assimilação dos universais descritos por Aristóteles. Assim diz Valla:

Acaso há alguém que crê que aqueles admiráveis discursos intercalados nas obras históricas são reais e não produto de um eloquente e sábio autor, que soube adaptá-los às personagens, às circunstâncias e aos fatos, para nos ensinar a falar e julgar corretamente? (VALLA, 2002, p.76).

A equiparação, ainda que possa soar estranha a ouvidos modernos, não prejudica a elevação da condição da História na hierarquia das ciências, como pretendia o humanista. Pelo contrário, a proposição reforça o argumento, como veremos a seguir, da credibilidade e compromisso do historiador com a verdade dos fatos que, ancorado novamente por parâmetro de universalidade, eleva a História sobre todas as demais disciplinas.

3) HISTÓRIA X POESIA: PRINCÍPIO DA CREDIBILIDADE OU DA FÉ DO DISCURSO

Resta a avaliação do autor, segundo ainda o princípio do deleitar e instruir, sobre a relação da poesia com a história, e desta com a filosofia. Da história, ele afirma não ter “outro motivo que ensinar mediante exemplos” (VALLA, 2002, p. 76); daí nos recorda a famosa citação de Cícero, a reforçar seu aspecto monumental, da história como “testemunho dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira do passado” – na paráfrase de Valla (2002, p. 76)¹². “Façamos a concessão”, pondera o humanista, de que ambas, poesia e história, “possuem o mesmo objetivo: deleitar e ser úteis” (2002, p. 76). A história e a poesia, ciências pois, quase irmãs, ensinam mediante exemplos: forma “indireta e suave” que, pelo encanto do prazer, como ele descrevia antes, ludibria nossa mente “altaneira” a abdicar do repouso soberano e, com amável disposição, inclinar-se ao serviço do duro aprendizado da virtude.

Não é, contudo, por grau de prazer e grandeza do potencial didático que o humanista diferencia a qualidade dos dois gêneros discursivos. Não tendo encontrado ferramenta para tal medição, ele desvia, uma vez mais, por outro caminho (*métodos*). Ele recupera um preceito consolidado pela tradição, de Heródoto e Tucídides, do compromisso da história com a verdade. Opondo-se diametralmente ao que dizia Aristóteles na *Poética*, o Valla atesta a força com que o discurso histórico afronta os demais. Ele diz: “Certamente que a história é mais sólida quanto mais se assenta na

¹² Em referência ao original extraído do *De Orat.*, 2, 36.

verdade; contudo, ela não versa sobre universais? A verdade é que sim, ela versa! (2002, p. 76).

Com tal afirmação, Valla acaba por destituir o último pé da argumentação aristotélica, que assentava apoio no grau de universalidade como critério de distinção daquelas modalidades de saberes, relegando à história, por afinidade ao que é particular, um lugar marginal. Fica determinado então, na acepção de Valla, que também a história trata dos universais e não deve, por conseguinte, ficar abaixo nem da poesia nem da filosofia. Precária é ainda, denuncia o autor mais adiante, a forma com que os poetas descuidam da universalidade de seus temas, envolvidos como eles são, ora, em “suspeitas por visos de recompensas” (PIRES, 2007, p. 212), como flagrado nos poetas líricos; ora, em “particularidades da vida subjetiva, como ocorreu a poetas elegíacos de “escreverem sobre seus amores”; isso sem dizer nada dos escritores de “fábulas” (VALLA, 2002, p. 76).

Essas afirmações, junto ao protesto contra o desleixo dos poetas com o que é universal, Valla reivindica a elevada responsabilidade com que os historiadores assumem o dever de narrar a verdade dos fatos que reclama o tratamento de preceitos universais. Com isso, ele justifica o critério pelo qual coloca os historiadores acima dos poetas: o da credibilidade ou compromisso com a verdade dos fatos que requer, antes, um comprometimento com a virtude, de forma a dar a fé do lugar de onde fala o historiador; por outras palavras, diz respeito à técnica retórica que prevê o decoro da figura do orador para a *fides* oratória. Assim diz Valla da finalidade do ofício do historiador:

Quanta credibilidade e firmeza fazem falta para este fim, de maneira que nada se atribua à malevolência, à inveja ou ao terror, nada tampouco ao favoritismo, à promessa de algo, às dádivas, à ambição ou ao poder; para que quando escrevas de memória ou sobre alguém um pouco anterior àqueles com os quais vives, ou de seus pais e familiares, em tudo isso não seja duvidoso de que os historiadores merecem mais consideração do que os poetas e filósofos (VALLA, 2002, p. 78).

Trata-se, em realidade, de artimanha retórica do humanista, visto que é o *ethos* do orador, a sua reputação por apelo à virtude com que historiadores se comprometem

com a verdade acerca da memória de feitos e pessoas passados, o que bem enaltece o seu atestado de veracidade histórica. O princípio da credibilidade histórica coincide com a *fides* retórica do orador.

CONCLUSÃO: HISTÓRIA X FILOSOFIA

Finalmente, para confirmar a hierarquia de valor com que Valla preceitua a superioridade da História sobre as outras disciplinas, cabe ao historiador, simultaneamente, todos os dotes requeridos pelas demais: o domínio do artifício da imitação para compor discursos e adaptá-los à natureza das personagens retratadas, bem como aquisição, nas palavras do autor, de “conhecimentos admiráveis” (VALLA, 2002, p. 78) que o estudo das doutrinas filosóficas (a ética, a política e a filosofia natural) propiciam (VALLA, 2002, p. 74). De modo que, pelo conjunto das habilidades que o historiador mobiliza para superação de dificuldades (o que dá a medida de grandeza que sua práxis comporta, por princípio axiológico de distinção) na execução própria do ofício, Valla bem legitima a primazia absoluta pelo que reina invicta a História. A Habilidade histórica abarca em si todas as demais habilidades pelas quais se empenham poetas e filósofos.

Encerro, assim, com palavras do humanista que sintetizam, nesses modos, a excelência da disciplina História sobre a Filosofia e, por conseguinte, sobre as demais classes de saber:

Assim, pois, na medida em que posso emitir um juízo, os historiadores exibem em seus discursos mais conhecimentos de sabedoria política que alguns filósofos em suas doutrinas; e, se não se deve omitir de dizer a verdade, da história flui o maior conhecimento da natureza que depois outros converteram em preceitos: é a melhor doutrina acerca dos costumes e de toda classe de saber” (VALLA, 2002, p. 76).

Desse modo, vimos como, por critérios de distinção conformados por aqueles três princípios narrativos expostos de início (os princípios etiológico, axiológico e de credibilidade), Valla realiza a defesa de sua escrita da história, no proêmio às *Gesta*

Ferdinandi regis, contra a primazia da escrita do gênero de tratado de filosofia, como estabelecido pela tradição aristotélica acerca da hierarquia das classes de saberes, Filosofia, Poesia e História, através da conformação geral dos saberes às partes da arte Retórica. O historiador, como o orador, deve reunir conhecimentos de filosofia moral e política, da natureza e das artes imitativas. Como diz Valla na abertura do proêmio, “a Oratória, é mãe da História” (2002, p. 73).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBANESE, Gabriella. A redescoberta dos historiadores antigos no Humanismo e o nascimento da historiografia moderna. In: PIRES, F. M. (Org.). *Antigos e Modernos: diálogos sobre a (escrita da) história*. São Paulo: Alameda, 2009.

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. E. de Souza. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. Vol. II.

HALLIWELL, Stephen. *The Poetics of Aristotle*. London: Duckworth, 1987.

HANKINS, James; PALMER, Ada. *The recovery of ancient philosophy in the Renaissance: a brief guide*. Firenze: L. S. Olschki, 2008.

HORÁCIO. *A Arte Poética*. Trad. D. Tringali. São Paulo: MUSA, 1993.

PIRES, Francisco Murari. (Org.). *Antigos e Modernos: diálogos sobre a (escrita da) história*. São Paulo: Alameda, 2009.

PIRES, Francisco Murari. *Mithistória*. São Paulo: Humanitas, 2006. 2 Vols.

PIRES, Francisco Murari. *Modernidades Tucidideanas*. Tomo I: No tempo dos humanistas. São Paulo: EDUSP, 2007.

ROMEO, Alessandra. *Il Proemio Epico Antico*. Roma: Gangemi Editores, 1985.

VALLA, Laurentius. *Historiarum Ferdinandi Regis Aragoniae libri tres*. Excudebat Simon Colinaeus, Parisiis, 1521. Reimpresión facsímili, Valencia, 1970.

VALLA, Lorenzo. *Historia de Fernando de Aragón*. Trad. e ed. Santiago López Moreda. Madrid: Ediciones Akal, 2002.

VALLE, Laurentii. *Gesta Ferdinandi regis Aragonum*. Ed. O. Besomi. Padua: Editrice Antenore, Thesaurus mundi, Bibliotheca Scriptorum Latinorum Mediae et Recentioris Aetatis, 1973.

WOODMAN, John Anthony. *Rhetoric in Classical Historiography*. London, Sidney: Croom Helm, 1988.